

# AFINIDADES GENEALÓGICAS

## cartas de Ernesto do Canto para Agostinho de Ornelas de Vasconcelos

por  
Nelson Veríssimo \*

No Arquivo da Família Ornelas Vasconcelos, depositado no Arquivo Regional da Madeira, encontram-se algumas cartas de Ernesto do Canto (Ponta Delgada, 12 de Dezembro de 1831 – Ponta Delgada, 21 de Agosto de 1900) dirigidas a Agostinho de Ornelas de Vasconcelos Esmeraldo Rolim de Moura (Caniço, Madeira, 14 de Março de 1836 – Niederwald, Alemanha, 6 de Setembro de 1901) <sup>1</sup>.

Amigos, pelo menos desde os tempos de Coimbra, os dois ilhéus interessavam-se, de forma particular, pela História e a Genealogia, de modo que, frequentemente, trocavam informações, inclusive bibliográficas, esclareciam dúvidas e, reciprocamente, solicitavam favores, em especial, consultas na Torre do Tombo.

As cartas, que reunimos e publicamos, revelam-nos esse interesse comum no conhecimento de antepassados. É ainda notória a proveitosa colaboração entre ambos no colmatar de lacunas das suas abundantes e diversificadas pesquisas, num tempo em que as comunicações se reduziam à via marítima e as distâncias geográficas condicionavam fortemente o acesso às fontes.

---

\* Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>1</sup> Vid. Fátima Freitas Gomes, «Agostinho de Ornelas e Vasconcelos: o morgado liberal e a decisão criativa», in *Islenha*, (21), Funchal, 1997, pp. 79-109; Maria Fátima Araújo de Barros Ferreira, «Arquivo da Família Ornelas Vasconcelos: instrumentos descritivos», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XXI, Funchal, 1998.

Na correspondência sobressaem também as dificuldades sentidas por Ernesto do Canto em reunir documentação para os seus trabalhos e, em particular, para o *Arquivo dos Açores*. Algumas vezes, a paleografia constituía obstáculo quase intransponível, apesar de contar com a preciosa ajuda do Dr. João Teixeira Soares de Sousa, da ilha de S. Jorge, considerado, na época, um reputado paleógrafo<sup>2</sup>. Contudo, a distância que o separava dos principais arquivos, designadamente da Torre do Tombo, revelava-se impedimento maior.

As cartas que apresentamos foram, de início, suscitadas pelo interesse de Agostinho de Ornelas de Vasconcelos no conhecimento da descendência de João e Catarina de Ornelas, que se haviam deslocado da Madeira para a ilha Terceira do arquipélago dos Açores. E todos esses elementos foram coligidos e remetidos por Ernesto do Canto ao seu amigo, a 10 de Março de 1879, em dez cadernos de papel almaço, com o título *Ornellas dos Açores descendentes da Ilha da Madeira*.

Igualmente, são de realçar os contactos que Ernesto do Canto manteve com Henry Harrisse (1830-1910), reputado estudioso das viagens ao *Novo Mundo*, e das consultas que este historiador francês lhe fez, a respeito das ligações de Cristóvão Colombo com o capitão do Porto Santo, Bartolomeu Perestrelo, e sua mulher, D. Isabel Moniz. Para o esclarecimento das dúvidas de Harrisse, Ernesto do Canto solicitou a colaboração de Agostinho de Ornelas de Vasconcelos, fornecendo-lhe, todavia, à partida, importantes informações. Destas pesquisas, resultou, provavelmente, a *Memoria sobre a residencia de Christovam Colombo na ilha da Madeira* que Agostinho de Ornelas publicou em edição da Academia Real das Ciências de Lisboa, por ocasião do Quarto Centenário do Descobrimento da América<sup>3</sup>.

Afinidades genealógicas, fontes manuscritas e impressas, motivações e dúvidas de quem partilha o mesmo ofício, eis o que nos revela este pequeno lote de cartas, até agora inéditas, tanto quanto sabemos, subscritas por Ernesto do Canto para o seu amigo madeirense Agostinho de Ornelas de Vasconcelos.

---

<sup>2</sup> Vid. Artur Teodoro de Matos, «João Teixeira Soares de Sousa (1827-1882): aspectos da sua vida e obra», in *Arquipélago*, n.º especial, série Ciências Humanas, Ponta Delgada, Açores, 1983, pp. 7-42.

<sup>3</sup> Agostinho de Ornellas, *Memoria sobre a residencia de Christovam Colombo na Ilha da Madeira*, Lisboa, 1892. Neste estudo, foram citadas algumas fontes sugeridas por Ernesto do Canto.



Agostinho de Ornelas de Vasconcelos (1836-1901)  
Photographia - Museu Vicentes



Caro Amigo

S. Miguel 1 de Dezembro 1877 -

Com prazer recebi a tua de 14 de 9.<sup>ma</sup> pp.  
e em resposta tenho a dizer-te que julgo  
indispensavel imprimi alguns documentos, mas  
que antes de o fazer te remetterei copia de todos  
os que desejares. Não tenho ainda o test.<sup>o</sup> de  
João d'Ornelas de Saavedra, mas espero obtel-o  
do lorde da Praia pois que tens bens da  
quelle instituiç<sup>o</sup>; e e' que a arafama  
politica em que anda envolta, bem como  
a sua retirada p.<sup>a</sup> a sua patria, não  
the deam logar a pensar n'ellas bagatellas.  
O de Cath.<sup>a</sup> d'Ornelas não e' propriamente  
seu, mas sim de seu marido Pedro Alvares  
d'Alcamara, posto q' quando se tracta de inst.<sup>o</sup>  
o vinculo de Porto Martin dizem que são ambos,  
por aquella propriedade não caber nas forças  
da herca d'elle só. - Não me consta q' ella fizesse  
outro, e aquelle pertence the indirectamente p.<sup>a</sup>

Primeira Página de uma carta de Ernesto do Canto para Agostinho de Ornelas de Vasconcelos, S. Miguel, 1 de Dezembro de 1877. No canto superior esquerdo, encontra-se gravado o monograma armoriado de Ernesto do Canto.

Prop. Arquivo Regional da Madeira

**Arquivo Regional da Madeira, Família Ornelas Vasconcelos,  
cx. 39, n.º 91; cx. 40, n.º 13.**

**CARTAS DE ERNESTO DO CANTO PARA AGOSTINHO  
DE ORNELAS DE VASCONCELOS (1877-1879).**

**I**

[S. 1; s. d.]

*Amigo Agostinho*

Pela 2.<sup>a</sup> vez venho dizer-te que está entre mãos o trabalho que me pediste da descendencia de João e Catharina d'Ornellas que vieram para a Terceira e d'ali irradiaram para as outras ilhas dos Açores.

O Copista apesar de não interromper o trabalho já tem escriptos 8 cadernos de papel almasso e ainda nem elle nem eu podemos ajuizar quando se esgotará aquelle poço sem fundo. Já estam escriptos 1200 nomes (isto só dos que tem geração) e não sabemos ainda quantos se lhe juntarão. Vais certamente ficar attonito com tanta parentella. Entre estes encontrarás talvez a metade dos meus patricios que frequentavam Coimbra no nosso tempo, – e poucos serão os Açorianos que conheças que não estejam catalogados n'aquella interminavel lista. Aparecem ali descendentes em quazi todas as Ilhas, principalmente da Terceira, S. Miguel e Fayal, e pode dizer-se que aquelle trabalho se torna um Nobiliario Açoriano, senão completo pelo menos assaz desenvolvido.

Como pouco tenho colligido das restantes ilhas é possível, e mesmo quazi certo, que muitos outros ramos se deviam ali juntar mas *nemo dat quod non habet*. Notarás que a parte relativa a S. Miguel é mais fornecida de datas, que as das outras Ilhas, o que é filho da facilidade que aqui tenho de as alcançar, o que só por accazo se dá em relação ás outras.

Contra o systema que tenho sempre seguido aqui, vai o teu pedido materialmente disposto pela mesma maneira uzada na Historia Genealogica da Caza Real, aperfeiçoado com as indispensaveis referencias, não só para diante como para traz. A falta d'uzo deste systema por assim dizer descriptivo deo lugar a algumas irregularidades no principio, que todavia creio não prejudicarem a clareza.

Ali acharás incluídas senão todas pelo menos a maior parte das Cazas titulares Açorianas, o que certamente illustra os troncos Madeirenses.

Não te mando a parte copiada por que a cada passo é necessario consultal-a para conhecer o que já la está, e bem assim para as necessarias referencias.

Para alimentar as futuras paginas do Archivo dos Açores, desejava alcançar alguns documentos da Torre do Tombo, e como és ali conhecido, venho rogar-te o especialissimo favor de arranjares alguém d'aquelle Archico que me estraisse os documentos contidos na Nota junta, os quaes podes entregar ao Augusto Ferim para m'os remeter, e bem assim, elle satisfazer o seu custo.

Agoardando as tuas ordens, sou como sempre  
Amigo obrigadissimo  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

## II

*Caro Amigo* <sup>4</sup>  
*S. Miguel 1 de Dezembro 1877*

Com prazer recebi a tua de 14 de Novembro pp. e em resposta tenho a dizer-te que julgo indispensavel imprimir alguns documentos, mas que antes de o fazer te remeterei copia de todos os que desejares. Não tenho ainda o testamento de João d'Ornellas de Saavedra, mas espero obtel-o do Conde da Praia pois que tens bens daquelle instituidor; se é que a azafama politica em que anda envolto, bem como a sua retirada para a sua patria, não lhe deem logar a pensar n'estas bagatellas.

O de Catharina d'Ornellas não é propriamente seu, mas sim de seu marido Pedro Alvares da Camara, posto que quando se tracta de instituir o vinculo de Porto Martim dizem que são ambos, por aquella propriedade não caber nas forças da terça d'elle só. Não me consta que ella fizesse outro, e aquelle pertence-lhe indirectamente pois só é feito pelo marido, confusão esta propria da rude epocha em que foi feito. Quando disse que

---

<sup>4</sup> Papel com monograma armoriado de Ernesto do Canto, gravado como selo branco, no canto superior esquerdo.

o tinha guiava-me só pelo titulo que diz ser de ambos – e assim é – em relação a instituição do vinculo. Assim mesmo to remeterei para copia.

Envio-te cintadas, quatro folhas de papel com os importantes desenvolvimentos que achei nos autores hespanhóes relativos aos ascendentes de Elvira Fernandes de Saavedra. Por elle verás que descendia das mais illustres cazas de Hespanha, taes como os Laras, Gusmões, Castros, Herreras, Ayálas-Roxas, Zevallos, Ozorios, Giron, Menezes, Sousas, Cunhas, etc.<sup>a</sup> 5.

O trabalho está longe de ser completo, pelo contrario poucas são as linhas femeninas que se acham desenvolvidas, mas com mais vagar e seguindo as pistas ali indicadas, poderão ainda adicionar-lhe grandes melhoramentos, e por ventura corrigir-lhe qualquer lapso filho da precipitação.

Ali acharás a cada passo indicadas as fontes e poderás assim e pou-pando um enorme trabalho, limar quaesquer imperfeições.

Rogo-te porem um especial favor qual o de me comunicar os erros, lacunas e alterações que de futuro lhe faças afim de melhorar o meu trabalho. Desculpa o borrão informe que ahi te mando, o que faço para não prejudicar o principal, com o accidental. Há dois annos que aqui jaz á espera de ser posto em limpo para te ser enviado!

Hoje que é o importante anniversario da nossa emancipação de 1640, depois de 237 annos passados em odio dos Castelhanos, – aqui estamos trabalhando – em buscar os laços de sangue, que nos ligam áquelles irmãos, de quem andamos, tão separados a todos os respeitos, mas que apezar de tudo devemos estimar, senão como patricios mas decerto como parentes!

Sobre as copias da Torre do Tombo, com mais vagar extrahirei nota das que desejo, deixando-te plena liberdade de as obteres pelo melhor modo que se te offerecer, como coiza tua propria.

A respeito do Inventario do 2.º Donatario da Praia – Antão Martins Homem principiado aos 23 Setembro 1532 – dir-te-hei que é o mais evidente monumento do barbarismo d'aquella epocha, em relação á caligraphia! E escripto por modo a desafiar a pericia do mais habil paleographo! É um informe composto de garratujas e só por acaso se entende, nas peças escriptas por aqueles que n'elle intervieram, sem ser o maldito escrivão! Mande-o ao Dr. João Teixeira Soares da ilha de S. Jorge, que é tão habil,

---

<sup>5</sup> Presentemente, encontra-se na seguinte cota: Arquivo Regional da Madeira [ARM], Família Ornelas Vasconcelos [FOV], cx. 40, n.º 13, «Ornellas das Ilhas da Madeira, Terceira e S. Miguel».

que na Torre do Tombo não havia quem lhe resolvesse as duvidas, e apesar d'isto só entrou com o que eu já tinha decifrado.

Eis o resultado do nosso exame, e as peças importantes que n'elle se encontram – a saber – Escriptura de dote de 900\$000 rs. feito por D. João de Noronha, Fidalgo da Ilha da Madeira, por seu procurador em Lisboa, nos Paços da Ribeira á sua filha D. Beatriz de Noronha para casar com Alvaro Martins Homem (3.º Capitam da Praia mais tarde) feita a 9 Maio 1513. Tem condições até certo ponto vergonhosas para Alvaro Martins.

Nos autos ha, procuração da dita D. Beatriz (a fs. 6) feita na Praia a 10 Setembro 1532. Outra de Diogo Paim em Lisboa a seu filho Christovam Paim. Outra de Isabel d'Ornellas viuva do inventariado a seu filho Pedro Alvaro da Camara. O testamento do dito 2.º Donatario de 1530, que deixa por testamenteira a dita Isabel d'Ornellas – approvado a 26 (?) [sic] dias de Maio do dito anno. Ha mais alguns documentos de menor importancia. De todos elles se vê que os ditos Donatarios eram mui pobres. Vêz pois que reconhecendo a curiosidade com que seria recebido aquelle importante documento, não o posso de forma alguma publicar, mas tão sómente dar uma idea d'elle.

Não achei por hora a menor referencia ao 1.º Alvaro d'Ornellas de que tracta Azurara.

Miguel do Canto é que me deu por escripto a noticia, de que em tempo, fora uma copia da Phenix Angrense, de que elle tem o original, para a Torre do Tombo.

A fonte principal do Drumond para a composição dos Annaes da Ilha Terceira, foi a dita Phenix e outras chronicas manuscritas que ha sobre os primeiros tempos da colonização.

Até ao proximo paquete em que darei conta de mim, dispoem [sic] francamente de tudo quanto possa ser-te util e agradável.

Teu muito obrigado  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

## III

*Prezado Amigo*

*S. Miguel 28 de Dezembro 1877*

Primeiro que tudo a verdade é a minha devise. São judiciosissimas as tuas observações chronologicas para provar que os authores genealogicos se enganaram redondamente quando tractaram dos pais de Elvira Fernandes de Saavedra. Nunca tinha prestado verdadeira attenção a este assumpto, e tinha acceitado os factos na fé de taes autores. Como esta tenho a cada passo encontrado muitas impossibilidades absolutas, indicadas pela chronologia. Deves ver as interessantes e miudas noticias que se encontram a respeito dos Ariaz, Perazas etc. na obra de d’Avezac – Illes d’Afrique – Paris, Firmin Didot, Freres, 1848, vol. da collecção intitulada L’Univers. Há ali muitas datas de mortes, doações, posses, e outros actos importantes dos Senhores das Canárias, datas que tornam ainda mais evidentes os teus raciocinios (vê no dito volume pags. 161, 166, 170 etc.).

Remeto-te cintada uma copia do testamento de Pedro Alvares da Camara, que te prometi no vapor passado <sup>6</sup>. Logo que obtenha qualquer dos outros, igualmente te farei presente. Se o Conde da Praia não m’os der, farei tirar copia nos Residuos em Angra ou Praia, aonde certamente os deve haver junto aos autos de contas das respectivas instituições. Tenho copia dos manuscritos de Valentim Fernandes, que por via do O’Neill mandei tirar d’um exemplar que tem Elrei D. Luiz. N’este e talvez com menos exactidão do que em Azurára se diz que Alvaro foi mandado pelo infante em 1448 ás Canarias.

O modo confuzo com que me exprimi a respeito do contracto de casamento de Alvaro Martins Homem com D. Beatriz de Noronha, com condições que chamei «vergonhosas» excitaram-te a curiosidade. Deveria ter-me servido de frase mais propria de «humilhantes» o que mostra não haver pudor nem segredo da minha parte. As condições foram pois humilhantes e mesmo odiosas porque alem de imporem ao noivo obrigação de restituir o dote, no cazo de faltar D. Beatriz sem filhos, tendo só recebido um terço de 900\$000 rs. de dote em dinheiro, e o resto em alfaias ouro prata etc. ainda elle era obri-

---

<sup>6</sup> Actualmente, figura na seguinte cota: ARM, FOV, cx. 40, n.º 13, «Testamento de Pedro Alvares da Camara em que parece intervir sua mulher Catharina d’Ornellas, da Ilha Terceira, feito no Juncal, termo da Villa da Praia da Victoria, em 2 de Junho de 1499».

gado a dar aos parentes d'ella as arrhas, morrendo ella! Estas arrhas eram nem mais nem menos, do que a metade das rendas da Capitania que seu pae (d'elle) Antão Martins lhe consignára apezar da muita familia que tinha!

O inventario de pessima letra de Antão Martins não foi a Lisboa, não passou de o mandar a S. Jorge ao Dr. João Teixeira, este era amigo do Basto e certamente o consultaria se estivesse em Lisboa, apezar de que segundo me diz o Dr. Teixeira que quando elle não podia ler algum documento, os palleographos da Torre do Tombo, tãobem o não decifravão.

É por hora quanto tinha a dizer-te. Terminarei pondo-me sempre á tua desposição para tudo quanto te possa ser util ou agradavel.

Teu muito obrigado amigo  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

#### IV

*S. Miguel 30 Janeiro 1878*

*Caro Amigo*

Recebi a tua de 14 do corrente mez que agradeço.

Junto uma nota sobre a descendencia de Ignacio da Camara Leme conforme teus desejos.

Da Madeira veio para cá a Mãe do nosso amigo Filippe do Quental, se quizeres noticia da descendencia d'ella poderei fornecer-t'a.

Nos volumes do Agrella <sup>7</sup> encontrei uns extractos das Chancellarias da Torre do Tombo, e entre as notas que lá vi tomei nota das seguintes, que provavelmente conheces, mas que no caso de duvida ahi vão: Chancellaria de D. João 1.º – Alvaro d'Ornellas legitimação de sua filha Margarida Alvares; – João d'Ornellas, Carta d'escrivão dos Contos do Reino; – Bartholomeu Perestrello, Carta d'afforamento d'uma caza em Lisboa.

No cazo de ires ver estas à Torre do Tombo, rogo-te o obsequio de ver as seguintes:

---

<sup>7</sup> João Agostinho Pereira de Agrela e Câmara (Madeira, 1777-1835), autor de *Genealogias da Ilha da Madeira*. Vid. Cónego Fernando de Meneses Vaz, «Genealogistas madeirenses: João Agostinho Pereira de Agrela e Câmara», in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. I, (4), Funchal, 1950, pp. 41-42.

Diogo de Teive, Carta de legitimação

Lopo Fernandes de Teive, Carta de legitimação de seu filho Gonçalo.

Destas duas só me bastaria saber, as datas e um pequeno extracto das circunstancias individuaes que possam servir para reconhecer a identidade das pessoas.

Não me descuidarei de te mandar os dois testamentos de João d'Ornellas e de sua irmã Catharina logo que os alcance. Julgo que o Conde da Praia viria agora n'este vapor, se assim for em breve lhe farei o pedido, apesar de que a politica effervescente em que está envolvido, não lhe deixará muito tempo para se occupar de qualquer outro assumpto.

Na tua patria, como aqui, há uma verdadeira epidemia por causa da herança Drumond! Que sabes tu a este respeito? Qual o valor da herança? Conheces o dono da herança jacente, quando morreo qual o testamento??? Tenho sido victima dos habilitandos d'aqui, e já neste vapor recebi da Terceira perguntas genealogicas dos parentes de minha mulher.

No Agrella nada acho a respeito de um Pedro Escorcio casado na Terceira com uma Helena Rebello, mas que parece ter voltado com a mulher ou viuvo para a sua patria. Sabes ou conheces algum individuo com este nome. Um filho de Pedro Escorcio fez uma venda em 1597 e em 1611 dotou uma filha que era portanto neta do tal Pedro, isto serve para calcular que elle deve ter vivido pelo meio do seculo 16.

Que ha numerosissimos descendentes do 1.º João Escorcio Drumond ninguem duvidará, mas que elles o possam bem provar é que me parece impossivel, principalmente aquelles que não tiverem bens, para cuja posse tenham conservado antigos documentos. Por mais antigos que sejam os livros dos archivos da tua patria nunca poderão ter termos anteriores a 1533 ? [sic] em que D. Affonso Arcebispo de Lisboa ordenou se exarassem aquelles termos parochiaes – como poderão pois provar as primeiras tres gerações. E se for perante um tribunal Inglez quantos passarão atravez do finissimo crivo?!

Desejando-te saude e felicidade aqui fico como sempre ao teu dispor como

amigo muito affectuoso e obrigado  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

[À margem, na última página: anotações do destinatário, relativamente às solicitações de Ernesto do Canto].

## V

*Ao meu amigo Dr. Agostinho de Ornellas de Vasconcellos Esmeraldo  
Rolim de Moura  
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel 10 de Março 1879*

Pediste-me uma noticia dos descendentes de João de Ornellas e de sua irmã Catharina d'Ornellas, filhos de Alvaro de Ornellas da Ilha da Madeira, e dos primeiros povoadores da Ilha Terceira; julgaste sem duvida que facil e laconica seria a satisfação do teu desejo, pensando que alem da familia do Conde da Praia da Victoria e dos seus ramos, pouco ou nada mais haveria. Pelo que se segue verás a extraordinaria fecundidade d'aquelles dois troncos; são disto prova evidente, os 1368 numeros que adiante se encontram.

O sangue dos Ornellas acha-se disperso por todas as Ilhas dos Açores, posto que o appellido quasi se acha extinto n'ellas.

Se possuisse tantos elementos e noticias das outras ilhas, como tenho para esta de S. Miguel, da Terceira e Fayal, certamente que a lista dos descendentes seria muito mais desenvolvida e completa. *Nemo dat quod non habet.* Se attendermos, á antiga e constante immigração para o Brasil, devemos crer que alguns d'aquelles açorianos levariam para a terra de Santa Cruz, o sangue dos Ornellas, como é certo que delle ficaram vestigios na India e em Portugal.

Reunir todos os individuos de uma familia tão dispersa e ramificada durante quatro seculos, é empreza extremamente difficil, senão impossivel. Contenta-te pois com o que encontrei, e te envio.

Para colligir as familias recorri ás fontes seguintes: para as da Ilha de S. Miguel, á minha compilação de Genealogias Michaelenses, que tenho baseado em documentos publicos. A Phenix Angrense do Padre Luis Maldonado forneceo-me grande copia de subsidios. O manuscrito original pertence ao Senhor Miguel do Canto de Castro, Par do Reino, de que possuo uma copia, e ha outra na Torre do Tombo. É trabalho pouco methodico, (pelas infinitas repetições que n'elle se encontram das mesmas linhas) mas ainda assim precioso pelo cuidado com que o author n'elle trabalhou quazi até á sua morte em 1711. Vi uma outra copia feita no seculo passado por Francisco Coelho Machado, continuada por elle até ao seu tempo, e depois por seu neto João Pedro Coelho Machado Fagundes, que me forneceo valiosos elementos para trazer grande numero de familias até á actualidade. No Padre Maldonado acham-se muitos ramos das familias da Terceira que passaram a outras ilhas, e que apezar de pouco desenvolvidas, são de grande vantagem para ligar as familias açorianas.

Consultei ainda os extractos que fiz dos Manuscritos de Antonio Correa da Fonseca d'Avilla 1.º genealogista da Terceira e do Espelho Christalino de Frey Diogo das Chagas. Para as familias do Fayal servi-me dos Appontamentos Manuscritos de Jeronymo de Brum da Silveira, e dos esclarecimentos, fornecidos modernamente por alguns cavalheiros d'aquella Ilha.

Acharás nas primeiras paginas certa falta de methodo, filha, de jamais ter empregado o systema aqui uzado, e geralmente empregado, julgo porem que apreciarás as continuas referencias para ascendentes e descendentes que ali introduzi para maior commodidade das pesquisas. Não juntei o indispensavel indece alphabetico dos appellidos de familia, para não demorar mais a remessa. Creio porem que se mandares passar a limpo este borrão deverás mandar confeccionar não só o dito indece, mas ainda o de todos os individuos n'elle contidos, o que facilita extremamente as consultas futuras.

Rogando desculpa pela difficiencia e imperfeição, resta-me ainda offerecer-me para qualquer novo esclarecimento, com toda a bôa vontade de amigo muito obrigado

(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

[Esta carta acompanha um maço de 10 cadernos com 200 páginas, das quais 195 estão escritas, intitulado *Ornellas dos Açores descendentes da Ilha da Madeira*, datado de 1879; ARM, FOV, cx. 40. n.º 13].

## VI

*Amigo Agostinho*  
*S. Miguel 15 d'Abril 1879*

Recebi e agradeço a tua cartinha de 4 do corrente, e bem assim a tua outra de 5 de Março ultimo, ás quais passo a responder.

Agradeço o cuidado e deligencia com que procuraste satisfazer ao meu pedido de traslados de Documentos da Torre do Tombo, agora só aguardo a vinda de algum, esperando ainda da tua bondade, que quando fores aquelle Archivo lembres ao Basto o nosso pedido.

Não ha o menor inconveniente em que venham pouco a pouco, sem que eu deixe de aspirar pela brevidade, visto que ainda depois de alcançar

aquelles quereirei mais alguns. Não dou a preferencia a nenhuns, excepto o 1.º «Terremoto na Ilha Terceira».

Aqui ha mui pouco quem compre livros e especialmente dictionarios de que tem havido ultimamente muitas edicções julgo pois difficil alcançar assignantes. Podes inscrever-me, mas para receber a obra depois de completa pois o contrario dá muita massada e cuidados.

Quanto às advertencias que me fazes sobre a defficiência que encontraste na descendencia de João d’Ornellas nas primeiras gerações, foi em parte devida à poda, que fiz dos individuos sem geração para reduzir o trabalho que desde o principio antevi seria muito volumoso.

Visto porem que não deixas escapar nada, dir-te-hei (o que talvez não ignoras) que de Tristão de Souza filho de Gaspar d’Ornellas e de Izabel de Souza, tracta Diogo do Couto na Decada 7 Cap.º 4.º.

Desejo dever-te o favor de me mandares um resumo laconico da descendencia das filhas do Francisco d’Ornellas que na India casaram com os Perestrellos, ou qualquer outro esclarecimento que julgues indispensavel.

Os continuados cazamentos durante 4 gerações entre os primogenitos dos Bruns Silveiras do Fayal e as senhoras Pains da Terceira, e bem assim dos primogenitos d’estas com as filhas d’aquelles cauza uma confusão enorme, que se agrava com a repetição dos mesmos nomes e appellido.

Conferi a arvore de costado que me enviaste e achei-a exacta, apesar do intrincado da obra. Não conheço nenhum outro exemplo de cruzamento tão continuado, que apesar de tudo, e das theorias modernas, não produziu nem idiotas, nem macacos, pelo contrario os individuos actuaes e seus paes, nos dois ramos, são e foram dotados de bons dotes phisicos e intellectuaes.

Não é Montoia, mas sim Montojos os appellidos dos Bruns do Fayal, pelo menos é assim que o tenho uniformemente achado escripto. Não é fácil atinar com a sua origem; tanto eu como o Carlos de balde procuramos descobri-la, quando para aqui fizeste a pergunta. O acaso porem me proporcionou uma coincidencia que hypotheticamente me parece explicar a origem, e vem a ser o ter descoberto que um irmão da 1.ª Maria de Montojos – Pedro Gularte fôra cazado com Lourença de Montojos, do Brasil. Creio pois que a dita Maria de Montojos tomou este appellido por mero capricho ou sympathia pela cunhada, talvez chegada ao Fayal quando a dita Maria era ainda nova e solteira?!

De muitos apontamentos manuscritos de Jeronymo de Brum, avô [sic] D. Jozepha Pulcheria mulher de Theotonio d’Ornellas, colhi as seguintes ascendencias.

[Segue-se uma árvore de costados de Maria de Montojos e de seu marido Jorge Gularte, fundadores da ermida de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Guia, à qual, segundo anotou Ernesto do Canto, «dotaram com rendas, e obrigaram a accender todas as noites um pharol, que servia para os navegantes.»]

Sua filha Maria de Montojos, unica e mulher de Jeronymo de Brum, nasceo quando sua mãe contava 49 annos de idade!

A ascendencia de Jeronymo de Brum vae no papel avulso junto <sup>8</sup>.

Dispõe como sempre deste teu muito obrigado amigo  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

## VII

*Amigo Ornellas*

*S. Miguel 18 de Outubro 1879*

Ha uns poucos de mezes não tenho tido o prazer de receber noticias tuas, espero porem que terás passado bem, e somente molestado pelo estado de saude de teu irmão Ayres na sua volta da India. Espero que os ares patrios o tenham restabelecido completamente.

O motivo principal d'esta é convidar-te para me coadjuvar na empresa de fornecer a Mr. Henry HARRISSE, autor da *Bibliotheca Americana Vetustissima*, e infatigavel pesquisador de tudo o que respeita a Colombo e à descoberta da America, alguns esclarecimenntos para uma obra que tem entre mãos intitulada *Notes pour servir à l'histoire généalogique et documentaire de Christophe Colomb et de sa famille d'après des documents nouveaux...* Enviou-me elle o projecto de dois Capitulos relativos a Bartholomeu Perestrello (1.º) seu 2.º casamento com Izabel Moniz, etc. duvidando que a mulher de Colombo seja filha d'aquelles, isto, por não achar historiador ou documento portuguez, que tal prove, e seja anterior a 1571 em que appareceo em italiano uma Historia de Colombo que se diz traduzida da que em hespanhol escrevera Fernando Colomb [sic], filho

---

<sup>8</sup> Anexo a esta carta: árvore de costados de Jerónimo Brum da Silveira, marido de Maria de Montojos.

d'aquelle. Pedio-me esclarecimentos, notas reflexões, e ainda que envi-asse o seu manuscrito a algum erudito que o enriquecesse com novos esclarecimentos. Lembrou-me de ti, se estiveres disposto a tanto.

Incitando-o em Setembro passado a pedir para Lisbôa alguns documentos da Torre do Tombo, disse-me que já tentara e fora pouco feliz, que talvez eu pudesse conseguir o que elle não tinha alcançado. Como estás muito familiarizado com as buscas na Torre do Tombo, e nos archivos da tua patria, entendi que ninguém melhor do que tu podias auxiliar o sabio estrangeiro, com proveito proprio, e gloria da patria. Eu já tenho encontrado muita coisa que lhe pode ser util, mas não posso, aqui n'esta ilha, recorrer ás fontes que lhe indico. É preciso não mandar procurar e copiar ás cegas documentos que pela maior parte pouco ou nada dirão, mas sim extractal-os nas passagens interessantes. Isto só se faz com a exercitada critica de quem tem com a practica adquirido o habito das pesquisas. Dize-me pois o que francamente pensas d'este meu convite. Ignoro se estas em Lisboa ou na Madeira, aguardo porem tua resposta para no cazo negativo, procurar alguém que te substitua, o que me parece difficil. O programma exposto parece mais difficil do que na realidade é, com trabalho de dois ou trez dias, certamente com os recursos que encontrarás na tua memoria e conhecimentos, certamente poderás prestar um valioso auxilio.

Nada perco em desde já te appontar como topicos, uma Carta de Afforamento de D. João I (L.º 4, f. 128 da sua Chancellaria) em 1431 a Bartholomeu Perestrello e sua mulher fulana Martins (diversas d'aquellas que nomea Fructuozo). E bem assim uma demanda (ou sentença final sobre ella) de 15 de Março de 1473 existente na Torre do Tombo segundo José Soares da Silva, Memorias de D. João I, T.º 1.º p. 329 e Agrella no seu Nobiliario. N'este documento talvez se achem muitos dados importantes para o conhecimento da familia. Parece-me que Navarrete, *Opúsculos* T.º 11 p. 139, Madrid, 1848 (obra que não ha aqui) extractou ou vio a demanda e la provavelmente dirá com precisão o logar em que se acha na Torre do Tombo.

Desculpa a massada d'este teu muito obrigado amigo  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

## VIII

*Amigo Agostinho*

*S. Miguel 4 de Dezembro 1879*

Recebi a tua de 16 de Novembro ultimo, e com ella a promessa de procurares em Lisboa algum documento que desvaneça as duvidas de Mr. HARRISSE. O que muito te agradeço.

Envio-te agora uma copia do projecto de escripto, que elle me mandou e eu ja lhe devolvi com algumas reflexões e rectificações que entendi dever fazer-lhe.

Para melhor o comprehenderes é indispensavel prevenir-te de que elle escreveo já uma obra em que, com algum fundamento, duvidou que D. Fernando Colombo seja autor da historia de Christovão Colombo, seu pai.

Por outro lado o que elle poem [sic] em duvida por não haver documento em contrario, não é o casamento de Colombo com Phelippa Moniz, mas sim que esta seja filha de Bartholomeu Perestrello e de sua 2.<sup>a</sup> mulher Izabel Moniz.

O acazo fez com que encontrasse nas Chronicas do Carmo pelo P.<sup>o</sup> José Pereira de Sant'Anna a p. 809, documentos 7 e 8 a págs. 282, 690, 697 o sufficiente para demonstrar qual a familia Moniz a que pertencia a mulher de Colombo.

Combinando este dado com o da demanda sobre a Capitania de Porto Santo e uma genealogia manuscrita (copia de D. Antonio de Lima) que achei dos Monizes de Luzignano, parece poder deduzir-se que entre estes Monizes Senhores da Capella de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Piedade do Convento do Carmo de Lisboa e aquelles da demanda ha pelo menos identidade de nomes, que admittidos levam a confirmar a alliança dos Perestrellos com aquelles Monizes a que pertence a mulher de Colombo.

Como melhor verás da copia junta do que disse a Mr. HARRISSE.

Na tua dizes-me já alguma coisa mais explicita a respeito do Perestrello 1.<sup>o</sup> que veio a Portugal. Ainda não tinha encontrado a data e lugar da inquerição, nem assim a fonte da noticia, o que agradeço. Restame porem uma duvida na leitura da tua e é se a data de 1399 foi achada em autor diverso do do Codice d'Alcobaça e, portanto em opposição à de 1428 (era de Cesar)? A esta era, corresponde o anno de Christo de 1390; hesito portanto se os algarismos, que apontas, contem um lapso teu, ou exprimem divergencia d'opinião de quem d'elles tracta?

Desejava me dissesse a tua opinião sobre as armas de D. Christovam Moniz Bispo elleito de Reona gravadas na pag. 91 Cap.º 18 das Memorias Historicas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos etc. da Ordem do Carmo por Fr. Manoel de Sá, pois que talvez por ellas se possa deduzir a que familia pertencia, visto o autor declarar que não sabe os nomes dos paes d'elle por que então não se costumava fazer aquella declaração nos autos de profissão. Este D. Christovam Moniz morreo em 1531 o que parece ser muito tarde para este ser irmão da mãe da mulher de Colombo, isto é irmão de Isabel Moniz 2.ª mulher de Bartholomeo Perestrello 1.º do nome, como diz Fructuozo. Apesar de dizer Fr. Manoel de Sá que elle morreo velho ainda assim mal se concebe como possa ser irmão da dita Izabel, que já em 1458 (na demanda com Pedro Correa) apparece como viuva!!

Ha tãobem um erro palpavel na ascendencia de Izabel Moniz 2.ª mulher de Bartholomeu como a apresentam os genealogos Madeirenses, isto é Agrella e o *Non Plus Ultra* <sup>9</sup>, pois dizem; ella ser filha de Vasco Martins Moniz o 1.º da Madeira e que ahi morreo em 1510; por que assim, seria ella bisneta de Tristam Vaz, companheiro de Bartholomeu – o que a chronologia repelle. Pelo menos ella deveria ser filha d'outro Vasco Avô d'aquelle, que foi para a Madeira. O tronco deste Vasco parece ter a mesma origem d'aquelles outros Monizes (de Luzignano) como verás na arvore junta, é a estes Monizes que pertence, sem duvida a mulher de Colombo <sup>10</sup>.

Dos estudos que tenho feito ainda que com poucos elementos, mas favorecido pelo accaso, se determina à evidencia qual a familia materna da mulher de Colombo, – o próprio HARRISSE o reconheceo apesar de sua descrença.

Desculpa a massada. Recomenda-me a teu mano, cujas melhoras desejo.

Dispoem d'este teu muito obrigado e reconhecido amigo  
(Assinado:) ERNESTO DO CANTO

P. S. Haverá ahi alguém que queira ser correspondente do *Archivo dos Açores* pela devida comissão?

---

<sup>9</sup> *Non plus ultra da Nobreza: Fidalgos da Ilha da Madeira, 1717*, obra attribuída a Henrique Henriques de Noronha (Madeira, 1666-1730).

<sup>10</sup> Anexos a esta carta: *Arvore genealogica hypothetica dos Monizes* e *Copia de algumas reflexões ao escripto de Mr. H. HARRISSE*. Isabel Moniz (Monizes de Lusinhano) era filha de Gil Aires, escrivão da puridade de D. Nuno Álvares Pereira, e Leonor Rodrigues (Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, vol. III, 3.ª ed., Lisboa, 1973, pp. 50-55).

